

OS ESTUDOS CULTURAIS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CULTURAL STUDIES AND THEIR IMPORTANCE IN TEACHER EDUCATION

LOS ESTUDIOS CULTURALES Y SU IMPORTANCIA PARA LA FORMACIÓN DEL
PROFESORADO

Fernando César dos Santos¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i93.6562

Recibido: 10/07/2026 | Aceptado: 04/08/2026 | Publicación en línea: 11/08/2026.

RESUMO

Este trabalho objetiva historicizar os chamados Estudos Culturais, a partir da análise dos seus principais expontes. Estes estudos tiveram extrema importância na construção de uma perspectiva inter/transdisciplinar, sobretudo no interior das Ciências humanas e Sociais. Desta forma, intentamos, também, demonstrar a importância dos Estudos Culturais, de seus objetos de pesquisa e resultados das investigações para a educação e a formação de professores. Assim, consideramos fundamental a inclusão desses estudos nos currículos escolares, mas, sobretudo, naqueles que têm como alvo os professores. Desta forma, acreditamos que os discursos hegemônicos, eurocêntricos e normativos possam ser desconstruídos em prol de uma educação plural e descentralizada de padrões pré-estabelecidos e considerados como normais.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Formação de Professores. Educação.

ABSTRACT

This work aims to historicize the so-called Cultural Studies, from the analysis of their main points. These studies were extremely important in the construction of an inter / transdisciplinary perspective, especially within the human and social sciences. Thus, we also intend to demonstrate the importance of Cultural Studies, its research objects and research results for teacher education and training. Thus, we consider the inclusion of these studies in school curricula as fundamental, but especially in those that target teachers. Thus, we believe that hegemonic, Eurocentric and normative discourses can be deconstructed in favor of a plural and decentralized education of pre-established standards considered normal.

Keywords: Cultural Studies. Teacher training. Education.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es situar en su contexto histórico los denominados «Estudios Culturales», a partir del análisis de sus principales exponentes. Estos estudios han tenido una

¹ Doutor em Pedagogia, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luis, Pará, Brasil.
E-mail: nandouema72@gmail.com

importancia fundamental en la construcción de una perspectiva inter/transdisciplinar, sobre todo en el ámbito de las Ciencias Humanas y Sociales. De este modo, intentamos también demostrar la importancia de los Estudios Culturales, de sus objetos de investigación y de los resultados de las investigaciones para la educación y la formación del profesorado. Por ello, consideramos fundamental la inclusión de estos estudios en los planes de estudios escolares, pero, sobre todo, en aquellos dirigidos al profesorado. De este modo, creemos que los discursos hegemónicos, eurocéntricos y normativos pueden ser deconstruidos en favor de una educación plural y descentralizada, alejada de los patrones preestablecidos y considerados normales.

Palabras clave: Estudios Culturales. Formación del Profesorado. Educación.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Abordar questões relacionadas aos Estudos Culturais é valorizar e reconhecer a sua importância para as ciências humanas e sociais, pois é inegável o papel destes estudos para o fortalecimento de grupos que antes não eram ouvidos ou que, por motivos políticos ou sócio culturais, ainda sente o peso do preconceito histórico e ideológico que ainda persiste. Entretanto, cabe ao estudos culturais, por meio de metodologias adequadas, continuar desenvolvendo estratégias para modificar essas práticas, que são ofensivas e opressoras. Nesse sentido, entendemos ser necessário uma intervenção nos currículos escolares, nas reformas e nas políticas educacionais que acontecem a todo momento, e que devem atingir à formação de professores. Essas ações devem resultar em constantes debates visando a compreensão e valorização das diferenças sociais. Assim, objetivando atingir essas metas.

Nesse contexto, a presença destes estudos deve ser "naturalizada" por meio de ações políticas e de sua presença na academia, principalmente por na formação de professores, onde devem constar dos currículos currículo. O debate profundo deve promover a reflexão sobre os processos de desigualdades que são acirrados no contexto social, e que devem ser analisados no sentido de desenvolver meios que favoreçam a compreensão, por parte de professores e alunos. A historicidade dos discursos de preconceito (racismos, misoginias, lgbtfobias, classistas, etc) devem ser constantemente estudados e analisados, livre de ideologias dominantes que atendam somente o interesse das classe hegemônicas, lançando nas demais uma "ilusão" que fortalece uma única compreensão, a de que somos desiguais não porque se trata de uma construção cultural ou

de estruturas sócioeconômicas desiguais e, sim, devido a nossa falhas e a falta de motivação. Assim, neste artigo, vamos analisar de que forma os Estudos Culturais podem colaborar nesse debate, através da educação.

OS ESTUDOS CULTURAIS E SEUS CAMINHOS NA EDUCAÇÃO

Os processos educacionais devem ser sólidos sendo especificados com clareza nos documentos que tratam da educação pública. Para que possam resultar em um aprendizado capaz de mudar comportamentos essa nova abordagem deve ser constituída de maneira crítica, desvendando as ideologias das classes dominantes que marcavam e ainda marcam em grande medida o contexto educacional em uma única perspectiva, impossibilitando outros olhares.

Assim:

Desde a publicação do Relatório para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Delors, 2002), educadores, órgãos públicos e instituições de ensino e pesquisa desenvolvem seminários, projetos e cursos sobre os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos. Livros e materiais audiovisuais foram publicados por diferentes instituições sobre educação e cultura para paz. Várias organizações não-governamentais (ONGs), universidades e centros de estudos tentam mostrar que a escola precisa contribuir para a promoção do conhecimento mútuo entre pessoas de diferentes etnias, identidades, idades, características físicas e mentais, classes sociais. No entanto, se olharmos atentamente, percebemos que a escola continua selecionando alguns saberes, valores e práticas e rejeitando outros com base em diferentes tipos de relações de dominação – econômicas, políticas, étnicas, de gênero, de orientação sexual, de religião. (Oliveira, 2009)

Esse foi um grande avanço promovido pela UNESCO e por meio de ONGs, universidades e de outras instituições educacionais, como bem destaca Oliveira (2009). Esses órgãos devem desenvolver atividades que possam propiciar conhecimentos necessários que atendam às diferentes etnias, identidades, culturas, idades e às diversas características que são encontradas no meio social, sem perder de vista o amplo debate capaz de colaborar com a escola e afastar dessa o discurso que seleciona e prioriza determinados saberes, valores e práticas e que somente contribui para a dominação de um determinado segmento da sociedade quando, na verdade, deveríamos contar com uma real democratização de saberes e com a equidade de conhecimentos. Contudo:

Em suma, não apenas a educação escolarizada está envolvida com a "crise" da Modernidade como, também e "pior", ela é vista como ocupando uma posição central e desempenhando a função de causa da crise.

Mas também podemos pensar e agir de outra maneira: ao invés de assumir a má execução do projeto moderno, podemos colocar em xeque o próprio projeto. Não por ser algo de difícil consecução, mas como algo que partiu de premissas falsas ou, pelo menos, não-generalizáveis -algo que poderia ser assim expresso: "não adianta querer executar um projeto que, mesmo parecendo idealisticamente bom, está baseado em premissas problemáticas". (Veiga-Neto, 2000)

Nesse sentido, de acordo com Veiga-Neto (2000), essa crise por que passa a sociedade e que os Estudos Culturais buscam debater, tem na escola uma de suas responsáveis pelo seu papel de reprodução social. Contudo, o espaço escolar não deve ser tido como o único responsável para a desconstrução deste projeto excludente que visivelmente está em crise. Esses debates podem e devem ser, também, desenvolvidos em outras instâncias da sociedade. Um projeto de desconstrução dessas estruturas desiguais deve ser abraçado por diversos segmentos, não por ser difícil de ser concretizado somente pela educação, mas por ter uma importância para os diversos segmentos da sociedade. Assim, torna-se crescente a quantidade de pesquisas que abordam os Estudos Culturais e que são desenvolvidos no interior dos diversos segmentos da sociedade buscando uma coesão nos debates, resultando em documentos a serem inclusos em leis, políticas públicas e no próprio currículo das escolas e das Universidades, Centro de Estudos e Institutos, além de ONGs que promovam esses debates. Em época de Globalização e de uma dita "pós-modernidade"

Essa forma de olhar a educação e o universo escolar resultou da análise de algumas limitações da teoria crítica – como a sua excessiva descrição das realidades escolares e a ênfase na dominação da ideologia burguesa sem o desenvolvimento de propostas que integrassem as questões de poder, de política e de possibilidade da escola contribuir para mudanças na esfera social – e, também, das transformações socioculturais que ocorreram nas últimas décadas – o avanço tecnológico, o surgimento da internet, a globalização, as mudanças econômicas, as lutas e conquistas de diversos movimentos sociais – que geraram mudanças no conceito de educação e no próprio contexto escolar. (Oliveira, 2009)

Debater conceitos e mudanças de conjuntura social no contexto da pós-modernidade e compreender que a educação escolar criada na modernidade é fundamental. Está no momento de mudanças de perspectivas sócio-político-econômicos, que deverão passar pela educação como, talvez, única maneira de atender aos anseios da sociedade, se desdobrando, assim, em novos olhares sobre as práticas que não somente estão ultrapassadas como, possivelmente, necessitam urgentemente desses novos olhares. Isto pode resultar em um avanço para a própria democracia,

por meio do respeito as diversas manifestações e grupos sociais, gêneros, e processos sócio-político-econômicos. É preciso que, de fato, possibilitem uma educação de qualidade e a possibilidade de mobilidade social para todos, sem critérios que possam dificultar esse acesso como ideologias que dão vantagens a membros oriundos de classes dominantes.

[...] volto à educação escolarizada para lembrar que, ao lado das produções decorrentes das pesquisas já feitas nos campos dos Estudos Culturais e da perspectiva foucaultiana, são possíveis e parecem-me promissoras as tentativas de articulá-los entre si para proceder a novos estudos sobre as relações entre a escola e a assim chamada crise moderna. Uma tal articulação poderia ter por objetivo, para citar um exemplo, examinar alguns dos regimes de verdade que tomam a relação escola-crise como centro de uma discursividade e, a partir daí -combinando ferramentas da análise foucaultiana do discurso com os avanços da vertente etnográfica dos Estudos Culturais e empreender uma desconstrução desses regimes. Afinando o foco desse exemplo, sugiro que as investigações que os Estudos Culturais têm realizado acerca das relações entre multiculturalismo e escolarização numa questão particularmente importante nesse cenário de crise- teriam a ganhar ao incorporar elementos da arqueologia e da genealogia foucaultianas. Indo no mesmo sentido, as investigações acerca dos mecanismos discursivos pelos quais determinados saberes inventados por um grupo social hegemônico passam "naturalmente" a incorporar um currículo e, por causa disso, passam a ser vistos como saberes universais, só têm a ganhar quando se combinam elementos foucaultianos e os insights dos Estudos Culturais. Os resultados de estudos dessa natureza teriam uma importância também "prática", na medida em que permitiriam até mesmo algumas "intervenções" sobre as práticas (discursivas e não-discursivas) que se dão no campo educacional. (Veiga-Neto, 2000)

Para pensar em uma educação multicultural é necessário refletir e refazer o caminho que ainda não foi feito em sua totalidade. Assim é necessário repensar as políticas públicas, as práticas pedagógicas e o currículo, atendendo assim às expectativas de todos e proporcionando à educação os parâmetros fundamentais para realizar as mudanças esperadas por meio dos estudos culturais. Esse é um papel fundamental dos Estudos Culturais, ou seja, dar voz àqueles grupos que, historicamente, foram silenciados e subjugados (mulheres, negros e negras, homossexuais, pessoas com necessidades especiais, trabalhadores rurais, entre outros). Contudo, para falar em multiculturalismo, é preciso compreender o seu sentido pois este termo tem muitos sentidos possíveis.

É nesse contexto de divergências entre diversos grupos que formam a sociedade que surgem as diversas identidades que formam, coletivamente, os cidadãos. Entretanto, as transformações sociais devem percorrer um caminho no sentido de atender às diferenças, levando cada sujeito a perceber e reconhecer as outras identidades. Tratar de direitos e deveres, que sejam iguais para todos é saber reconhecer que estas questões estão profundamente conectadas às questões relacionadas à política, sociedade, economia, às relações e papéis de gênero entre outros

que, anteriormente, eram grandes desafios ou que permanecem sendo, mais que devem ser superados. Questões como essas estão passando por diversas reflexões no contexto acadêmico, onde vários pesquisadores desenvolvem estudos para entender as indiferenças no interior dos Estudos Culturais.

HISTÓRICO

Tratar do contexto histórico é necessário para compreender os fundamentos teóricos relacionados com os Estudos Culturais. Para esse artigo vamos focar, principalmente, nos aspectos relacionados à educação. Dessa forma vamos compreender a historicidade desses estudos e alguns autores que se debruçaram sobre esta perspectiva. Esse é o melhor caminho para compreendermos os Estudos Culturais e a sua importância para o desenvolvimento e transformação da sociedade.

Hoggart lançou mão, nos seus estudos, de fontes até aquele momento - finais dos anos 50, ele escreve em 1958 (Escosteguy, 1988) - renegadas pelas pesquisas acadêmicas. O autor foi observar e analisar a chamada cultura popular e os meios de comunicação de massa, através de uma perspectiva qualitativa. O autor observa que nestes espaços os movimentos de resistência da classe trabalhadora estão presentes, embora não deixe de apontar para uma certa nostalgia dos movimentos orgânicos de resistência.

Três textos que surgiram nos final dos anos 50, são identificados como as fontes dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). O primeiro é em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX. O segundo constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a idéia de que a "cultura comum ou ordinária" pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música. E o terceiro reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular - a história "dos de baixo". (Escosteguy, 1988)

Williams publica também em 1958 a obra “*Cultura e Sociedade*”, onde discute a relação intrínseca entre cultura e literatura e como esta é fonte fundamental para a compreensão da sociedade por parte dos pesquisadores. Ele publica em 1961 outra obra importante para os Estudos culturais, “*The Long Revolution*”, onde já aponta para o impacto dos meios de comunicação de massa na construção ou reprodução cultural, demonstrando pessimismo em relação ao papel destes meios e da própria cultura popular.

Outro nome importante que pavimentou os Estudos Culturais foi E. P. Thompson que em 1963 publica "A Formação da Classe Operária Inglesa". Thompson, a partir de uma perspectiva marxista contribui muito para o desenvolvimento da chamada "História Social Britânica". Tanto para Williams como para Thompson, a cultura é vista como algo vivo e vivido no interior das relações sociais e do cotidiano, tendo o sujeito como parte principal desta relação. Mas Thompson, provavelmente pela sua perspectiva materialista, marxista, compreendia a cultura enquanto um *locus* de enfrentamento, de conflito entre maneiras de ser e viver.

Essas obras e autores foram, portanto, fundamentais na configuração dos Estudos culturais. Mas, sem dúvida, não podemos deixar de lado o nome unanimemente reconhecido como importante, o de Stuart Hall.

Stuart Hall foi incentivador, na sua passagem pela direção do Centro de Estudos Culturais, na Inglaterra, entre 1968 e 1979, das pesquisas sobre os movimentos de contracultura, e sobre papel central das mídias de massa na conformação da cultura. Além disso, desempenhou um papel de liderança aglutinadora de vários projetos coletivos e é, enquanto pesquisador, fundamental na construção e consolidação dos estudos sobre identidades.

Esses autores apresentados foram determinantes para o lançamento dessas pesquisas relacionadas aos Estudos Culturais. A partir daí e dado o início do aprofundamento e organização desses estudos, começam novos debates, com novos objetos de estudo, novas perguntas e novas vozes. Os grupos estudados não são mais, ou pelo menos não mais somente, os hegemônicos. Nesse caminho, os Estudos Culturais surgem para se contrapor às vozes dominantes e abraçar as contradições e conflitos existentes.

Autores como Williams, Thompson e Hoggart, que deram início às pesquisas relacionadas aos Estudos Culturais, apesar de não terem formulado um trabalho em conjunto, seus estudos dialogam como se fossem um grupo com as mesmas intenções. Eles, de certa forma, propuseram pesquisas que se assemelhavam em suas inquietações relacionadas à cultura, história e a sociedade. Contudo, é importante salientar que eles discordavam em alguns aspectos, sobretudo pela presença ou não, da perspectiva marxista nos debates travados por esses autores.

Porém, os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre marxismo e os Estudos Culturais inicia-se e desenvolve-se através da crítica de um certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultando na contestação do modelo base superestrutura. A perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua "autonomia relativa", isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas. Existem várias forças determinantes - econômica, política

e cultural - competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade. (Escosteguy, 1988)

Nesse contexto, é necessário conceituar Cultura de forma ampla para uma melhor compreensão. Esta percorrendo historicamente momentos diversos e não sendo mais representada, apenas, pelas descobertas relacionadas ao artefatos encontrados. A cultura material, os objetos e artefatos, não são mais considerados uma expressão de uma dada “cultura” por ela mesma. Por meio desses novos debates, esses estudos tomam novos contornos e a cultura passa a ser compreendida por questões simbólicas, relacionadas ao modo de vida dos cidadãos, às suas instituições, suas artes entre outros meios. São múltiplas as maneiras de perceber e analisar a formação cultural de determinada sociedade.

A extensão do significado de cultura - de textos e representações para práticas vividas e suas implicações na rígida divisão entre níveis culturais distintos - propiciou considerar em foco toda produção de sentido. E ao enfatizar a noção de cultura como prática se dá relevo ao sentido de ação, de agência na cultura. (Escosteguy, 1988)

Nesse novo contexto de pesquisa, de novas perspectivas, os Estudos Culturais passam a compreender e a interpretar o significado de cultura, dando um novo significado a partir dessa nova interpretação mais pós-moderna, o que resulta em um contexto mais abrangente. Isso possibilita que várias interpretações criem a possibilidade de dar novos resultados tendo em vista que o objeto da pesquisa toma novos contornos, partindo da própria sociedade e não mais resultando de interpretações limitadas que eram alcançadas apenas a partir da representação dos artefatos. Dessa forma a cultura popular passa a ter uma maior atenção, possibilitando uma maior visibilidade por meio de pesquisas.

Logo, os Estudos Culturais construíram uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades. (Escosteguy, 1988)

A questão dos artefatos como expoente de uma dada cultura apresentava outro problema. Conforme a citação de Escosteguy, nesta prática estava embutida uma classificação do que seria a cultura representativa, ou seja, os artefatos, objetos, edificações consideradas expoentes de uma cultura era, sem sombra de dúvida, oriundos das vidas das classes dominantes e ocidentais. Logo, os Estudos culturais trouxeram as vozes “de baixo” para o primeiro plano. Manifestações culturais, de vida e saberes tradicionais ganharam o pódio como representações culturais válidas.

Logo, os Estudos Culturais não desconectam cultura de realidades vividas, se apresentando como importante observador social, das hierarquias políticas e, portanto, fundamental eixo de compreensão e intervenção social.

As peculiaridades do contexto histórico britânico, abrangendo da área política ao meio acadêmico, marcaram indelevelmente o surgimento desse movimento teórico político. Os Estudos Culturais ressaltaram os nexos existentes entre investigação e formações sociais onde se desenrola a própria pesquisa. “Os estudos culturais não dizem respeito apenas ao estudo da cultura. Nunca pretenderam dizer que a cultura poderia ser identificada e analisada de forma independente das realidades sociais concretas dentro das quais existem e a partir das quais se manifestam” (Blundell et al., 1993:2). Devese, também, acentuar o fato de que os Estudos Culturais britânicos devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. A partir dessa dupla agenda é que os Estudos Culturais britânicos devem ser pensados. (Escosteguy, 1988)

Nessa perspectiva, os Estudos Culturais, foram sendo difundidos pois, por meio deles era possível alcançar resultados mais satisfatórios, além de contrapor posições que antes não eram mencionadas nos debates feitos na academia. Foi essa insatisfação, resultante da limitação das pesquisas e dos limites das disciplinas, que também foi a mola propulsora para o alavancar dos Estudos Culturais

Pela perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a inter/trans ou, ainda para alguns, a antidisciplinaridade. Isto não impediu, entretanto, que em alguns lugares tenham se institucionalizado. Os Estudos Culturais não configuram uma "disciplina", mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade. Tal área, segundo um coletivo de pesquisadores do Centro de Birmingham que atuou, principalmente, nos anos 70, não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites (Hall et al, 1980:7). É um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado. (Escosteguy, 1988)

Podemos perceber como as perspectivas multiculturais, interdisciplinares, transdisciplinares que são, hoje, quase unanimidade entre os pesquisadores das ciências humanas e sociais, devem muito aos Estudos Culturais surgidos no final dos anos 50. O diálogo entre várias áreas do saber são fundamentais para uma compreensão mais global e plural da sociedade. E essa perspectiva é fundamental também para a educação, tendo suas discussões e reflexões espaço necessário nos currículos e na formação dos professores.

Nesse contexto que estamos analisando, pensar as disciplinas e como elas devem estar organizadas e fundamentadas é uma das nossas preocupações. Consideramos a educação o meio

possível e fundamental para o debate dos assuntos relacionados aos Estudos culturais e as suas implicações, pois os espaços de educação são parte fundamental na valorização e debate de conceitos que antes não eram colocados pois hierarquizava as vozes e identidades sociais, mascarando os conflitos e interpretações sociais dissonantes.

Nesta perspectiva inter/transdisciplinar, tanto a literatura, como a sociologia e a história contribuíram para a construção das análises dos objetos de pesquisa ligados ao Estudos Culturais. A partir da literatura podemos observar como as formas de cultura popular aparecem nos textos e subtextos. A sociologia observa os mesmos objetos culturais se questionando sobre suas formas de reprodução e estrutura que os mantêm, enquanto a história contribuiu dando vozes aos grupos historicamente silenciados e tido como “sem cultura”, a partir da perspectiva da História Oral e da memória como objeto precioso de investigação histórica.

Assim, é fundamental perceber como os Estudos Culturais são importantes para o conhecimento da realidade dos diversos grupos sociais e, logo, são prioritários na formação docente.

ESTUDOS CULTURAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

São muitas as transformações pelas quais o mundo passou nos últimos 60 anos e essas mudanças incidiram de forma contundente no trabalho docente. Essas novas realidades são objeto de análise e precisam integrar o currículo de formação dos professores. Assim, acreditamos na importância dos Estudos Culturais para a formação de professores que sejam capazes de lidar, no campo da educação, com todas essas transformações.

Para pensarmos o lugar dos Estudos Culturais e de seus objetos de pesquisa é preciso pensar sobre as relações entre cultura, pedagogias, escola e sujeitos escolares. Para isso, o auxílio virá dos autores que se dedicam a investigar os fenômenos culturais de hoje e suas relações com a educação e, por isso, como eles devem integrar os cursos de formação docente.

Compartilho de seu entendimento, uma vez que vivemos hoje uma era pautada por significados provisórios, incertezas e indeterminações, cenário em que as práticas antes privativas de certos espaços institucionais, como a pedagogia, encontram-se desterritorializadas. Desenham-se crescentemente novos contributos teóricos para se pensar a pedagogia como uma prática cultural que ultrapassa amplamente os limites estritos de instituições como, por exemplo, escola, família e igreja. Uma contribuição dos Estudos Culturais em Educação tem sido a possibilidade de se abordar de forma mais ampla, complexa e plurifacetada a educação, os processos pedagógicos, os sujeitos implicados, as fronteiras construídas pelas ordens discursivas dominantes. Pode-se dizer

que há uma resignificação do campo pedagógico em que questões culturais como identidade, diferença, discurso e representação são convertidos em foco preferencial. (Costa, 2010)

Segundo Martinez (2005), uma educação multicultural implica na inserção, no ambiente escolar e de formação de professores, incluindo formação continuada para professores que já atuam, de conteúdos que apresentem a diversidade e desconstruam as normatizações binárias e oriundas dos discursos hegemônicos. Para o autor, é fundamental que a educação seja o espaço de rejeição da padronização e da valorização de múltiplos sistemas culturais, modos de vida e pensamento, contribuindo para a formação de sujeitos preocupados com a coletividade e com a redução das desigualdades e preconceitos.

Essa pedagogia visa à interação entre as diferenças e requer, entre outros aspectos, professores (as) que enxerguem o conhecimento, o currículo, as práticas pedagógicas como processos discursivos construídos historicamente e influenciados por relações de poder; que sejam promotores de discursos alternativos, híbridos, éticos, politicamente engajados e que compreendam as escolas como esferas democráticas. (Oliveira, 2009)

A contribuição dos Estudos Culturais na formação docente, portanto, se evidencia, sobretudo, no convite a reflexão e reexame de saberes e valores tidos como “naturais” e verdades intocáveis. Essas práticas alimentam as desigualdades e hierarquias de saberes e modos de vida. Os Estudos Culturais constroem teorias sociais mais próximas aos grupos e leituras de mundo mais humanizadas. Perspectivas muito importantes para a educação e formação dos sujeitos.

É no panorama cultural e teórico cujos traçados procurei brevemente esboçar até aqui, e no âmbito das pesquisas recém mencionadas, que se desenvolveram os estudos que pretendo apresentar como uma contribuição para se pensar a educação básica, os currículos e os sujeitos escolares desses tempos e, em consequência, para se pensar a formação de professores. Entendo que as análises realizadas mostram um pouco desse conjunto da experiência contemporânea, crescentemente marcada pela instantaneidade, volatilidade, efemeridade e descartabilidade, típicas da vida cotidiana comum dos consumidores pós-modernos – crianças, jovens e adultos. O que observo é que ao focalizar o interior da escola fui recorrentemente levada a olhar para fora dela, para a cultura e suas operações de controle social, de governo das subjetividades em sua refinada versão de uma governamentalidade neoliberal. (Costa, 2010)

Costa (2010) reforça a importância destes Estudos Culturais para a educação mas evidencia, também, que a educação é responsável pela crise em que vivemos, uma crise da modernidade, como alguns apontam. Por isso, tudo é creditado na conta da educação, e os próprios educadores, muitas vezes, encontram nos agentes externos - governos, políticos, sociedade, baixos salários, más condições de trabalho - como os verdadeiros responsáveis pela

crise na educação.

Como se pode constatar, o campo da Formação de Professores está desafiado por um considerável conjunto de estudos atuais, que ajudam a desenhar os novos contornos da vida nas sociedades de hoje e oferecem contribuições substantivas e consistentes para se pensar a educação sob novos ângulos e perspectivas, para além dos limites exclusivamente escolares.

Conforme tenho argumentado, antes de ingressar na escola, as pedagogias do presente, forjadas na condição pós-moderna, já se encarregaram do alfabetismo requerido para que as crianças dominem a gramática cultural do nosso tempo. Elas chegam à escola fascinadas por imagens, espetáculo e consumo, já familiarizadas com o ritmo vertiginoso dos acontecimentos e com a curta duração, volatilidade e descartabilidade dos objetos, das experiências, dos desejos, dos sentimentos. Pautam suas vidas pela urgência, rapidez e imediatismo (comidas instantâneas, conexão com o mundo num clicar de teclado, novas roupas, afetos e estilos a qualquer momento), e reinventam seus eus inspiradas em repertórios identitários infinitamente renovados. São essas crianças nascidas no século XXI que frequentam nossas salas de aula. Sabemos quem elas são? Como se tornaram o que são? O que elas precisam aprender que ainda não sabem? Como se educa quando é difícil vislumbrar uma direção desejável? (Costa, 2010)

As tensões e conflitos permanentes no ambiente escolar são, portanto, evidência de que apesar dos avanços nas investigações no âmbito acadêmico, essas discussões ainda são insuficientes ou possuem pouco alcance ou ressonância. Precisamos nos questionar sobre as razões deste fenômeno.

Desse cenário, marcado por uma forte mobilidade e por uma desigualdade social cada vez mais evidente, é preciso agora dizer de outras movimentações firmadas no que se reconhece como o espaço das lutas sociais e culturais contra o projeto de globalização hegemônico - economia de mercado.

De fato, a entrada de países da América Latina, e do Brasil em particular, na ordem das globalizações com a supremacia da política neoliberal, da economia mercado e do cidadão consumidor, deve ser vista considerando-se que os processos de transformação social, econômica e política ocorrem num terreno de permanente luta política, luta cultural, de avanços e recuos, de negociações, de criação de novas formas de articulação entre domínios da vida social e cultural. (Carvalho, 2007)

Como aponta Carvalho (2007) é, talvez, imperioso começarmos a nos perguntar sobre o lugar da escola, da educação e dos educadores no interior das sociedades cada vez mais imersas na ideologia neoliberal e na concepção, ou confusão, entre o que seja um cidadão e um consumidor. É fundamental, portanto, que nos Estudos Culturais nós, educadores, encontremos material para lutar contra a percepção hegemônica de sociedade e de culturas. A valorização do multiculturalismo deve caminhar na direção de uma luta contra o discurso dos grupos dominantes e das culturas consideradas como as únicas válidas. No interior desta questão está o problema dos currículos e de sua expressão nos Estudos culturais, sobretudo no que se refere aos movimentos

sociais.

Neste trabalho defendemos que, nos anos 1990, as regras de governo do discurso educacional e, especificamente do discurso curricular, têm laços em comum com determinados acontecimentos: de ordem política - a emergência do discurso neoliberal em sua abertura, na regulação de discursos curriculares, seja para a formação voltada para o mercado, seja para o reconhecimento da diversidade cultural; e o reordenamento das lutas dos movimentos sociais e culturais em seu discurso antiglobalização e de novas organizações sociais em redes; de ordem econômica - a economia de mercado e de redes de economia solidária; de ordem cultural - o impacto do avanço das tecnologias de comunicação e da informação na regulação das diferenças culturais e/ ou das lutas culturais no âmbito dos movimentos sociais de afirmação identitária. (Carvalho, 2007)

Fica evidente o papel da educação na reprodução de uma ideologia voltada para o mercado de trabalho mascarando a diversidade cultural. Contudo, deveríamos nos organizar em torno de um discurso educacional de questionamento de valores globalizantes e homogeneizantes, incentivando conteúdos de formação e afirmação de identidades no plural.

Politicamente falando, acreditamos na defesa de que o professor deve ser autônomo, intelectualmente falando, no sentido de pensar os caminhos da educação e participar de forma ativa nos processos de seleção, organização, distribuição e hierarquização em todas as esferas do conhecimento teórico e na prática das lutas por uma educação mais inclusiva, mais coletiva e política. Associada aos problemas e preocupada com os conflitos e desigualdades sociais.

Para isso, a formação docente precisa passar por uma formação para a pesquisa. O professor deve ser, também, um investigador de seu cotidiano escolar e de educador e estar atento para as condições conjunturais que moldam sua prática e discurso. Deve-se, portanto, associar teoria e prática, em uma *praxis* dialética importantíssima para os tempos de hoje.

Essa dialética deve incorporar uma reflexão sobre a presença, ainda hegemônica, de um discurso educacional marcado pelo eurocentrismo e por uma cultura masculina, por vezes misógina, de padronização dos papéis sociais, de gênero, étnicos, e de tudo que seja considerado “normal”. É preciso questionar, constantemente, as diversas formas de inferiorização de grupos, etnias, gêneros, espaços e saberes.

Retomamos agora a questão singular da formação do/ a professora para afirmar que o currículo dessa formação, na perspectiva aqui anunciada, vê na docência o objeto de subjetividade por excelência, isto é, na sua formação, a identidade de professor/ a é o saber/ o saber fazer/o ser docente. Ele/a será engenheiro/a, historiador/ a, geógrafo/ a, matemático/ a pelo saber disciplinar e será professor/ a se esse saber disciplinar for aprendido como saber a ser ensinado. Nesse sentido, o currículo de formação do/a professor/a tem como referência básica os saberes culturais da docência. Queremos enfatizar agora que a concepção de formação docente no plano pedagógico está

anunciada pelas racionalidades política e epistemológica que afirmam o currículo da formação do professor. Nesse sentido, defendemos propostas curriculares ancoradas nos Estudos Culturais como uma forma de qualificação da docência em suas dimensões política, acadêmica e, cultural. (Carvalho, 2007)

Assim, acreditamos ser necessário que os currículos de formação docente incluam alguns eixos importantes. Para isso, citamos a proposta de Carvalho (2004), que propõe a inclusão de

i) a concepção de linguagem como sistema de nomeação e de produção dos objetos que fala; ii) os princípios da contingência e da historicidade radical na desnaturalização dos discursos; iii) a reflexão sobre uma teoria da reelaboração; iv) as relações de saber-poder-ser como indicativo da produtividade no campo educacional; v) o currículo como um campo da estética, da ética e da política; vi) as formas de regulação social e cultural implícitas no discurso curricular (Carvalho, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar dos Estudos Culturais torna evidente sua importância para os dias atuais. É fundamental para compreender a sua importância no contexto educacional, resultando em uma maior compreensão das diferenças sociais e culturais que antes não eram debatidas, tendo em vista a falta de conexão sobre o que de fato era cultura no sentido das suas representações. Estas eram tomadas quase obrigatoriamente por meio de artefatos, como representantes de uma dada cultura. A partir dos estudos desenvolvidos por autores como Williams, Thompson e Hoggart, foi possível analisar outros enfoques relacionados à cultura e como essa era desenvolvida em seus diversos aspectos, o que resultou em uma nova visão, um novo olhar, sobre um mesmo enfoque.

Entretanto, compreender a cultura por meio de um novo enfoque que difere daquele que apenas lança mão dos artefatos, significa proporcionar um debate mais amplo onde é possível contrapor posições que antes não eram possíveis de serem confrontadas. Significa abrir possibilidade de espaço àqueles que não tinham, seja devido a questões de gênero, ou de etnia ou de preconceito de classe, por exemplo. Essas questões foram colocadas em debate e deles resultaram em novas formas de conhecimento e de educar, daí a necessidade de uma educação mais plural que atenda os anseios da sociedade por meio de uma educação de qualidade. E daí a importância, também, destas preocupações fazerem parte da formação dos docentes.

Foi nesse sentido e para pensar sobre os Estudos Culturais, que penso na necessidade de aproximá-los da formação de professores, no sentido de contribuir para educadores mais

preparados, que serão capazes de produzir resultados mais satisfatórios às atuais demandas da sociedade, que cada vez mais vê a necessidade de uma maior equidade entre as classes, evitando assim com que a ideologia dominante seja o único discurso a ser ouvido.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rosângela Tenório de. **CURRÍCULO, CULTURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/ AS. UFPE. Tóp. Educ., Recife, v. 17. Nº 1-J. p. 153-174, 2007.**

COSTA, Marisa Vorraber. **Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI.** Educar, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010. Editora UFPR.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Uma introdução aos Estudos Culturais.** Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 9 • dezembro 1998 • semestral 8.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins de. **Os estudos culturais e a questão da diferença na educação.** Revista Educação em Questão, Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, jan./abr. 2009

VEIGA-NETO, A. (2000). **“Michel Foucault e os estudos culturais”.** In: Costa, M. V. (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.** Porto Alegre, Ed. UFRGS.